

Conotamos habitualmente com a gestualidade – ou consideramos a existência de uma corrente " gestualista" – alguma pintura surgida após a Segunda Guerra Mundial, ora realizada no espaço norte-americano (o Expressionismo Abstracto, por exemplo) ora ainda na Europa (a " Arte Bruta" por exemplo, mas porque não referir também toda a arte de matriz expressionista), mas também no Extremo-Oriente, onde o gesto é quase um " objecto", o essencial a mostrar.

De facto, o gesto é a matriz da pintura – o que está para além da pictorialidade onde o gesto " pretende" ser o único protagonista (pois um traço totalmente " geometrizante" não pode deixar de ser também um gesto – de composição, de feitura, etc).

Mas o problema que alguma pintura coloca é outro: como representar um gesto?

A pintura gestual, com efeito, talvez não represente o gesto, mas antes aquilo que ele provoca na superfície, o seu resto, a materialização (física) desse resto. O que a pintura representa não é a imaterialidade efémera do gesto, é talvez a sua consequência retiniana, pois o gesto é, como escreve Giorgio Agamben, um " meio sem finalidade".

Ana Sérgio pretende inscrever a sua actual pintura, que acompanhei no último ano da licenciatura na Faculdade de Belas-Artes, nestas discussões. O seu programa de trabalho passa por compor " com" o gesto, reduzindo as cores a pouco mais de três tonalidades, para que o gesto se destaque e realize o visível.

Compondo " com" o gesto, a pintura pode adquirir uma materialidade autónoma e a pretendida representação dos gestos (imateriais) vai gerando formas e espaços. Deste modo, diremos que a forma é a " casa" do gesto, a própria materialização da pintura.

Carlos Vidal